

RESENHA

HEIDEGGER, Martin. *Ontologia – Hermenêutica da facticidade.* Trad. Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes, 2012.

5

Resumo:

Trata-se de uma resenha de divulgação da tradução brasileira da preleção heideggeriana *Ontologia - Hermenêutica da facticidade*. O objetivo é apresentar um perfil deste livro que traz o projeto de interpretação do que Heidegger chama de “vida fática”. Documentando o curso do semestre de verão dado em 1923, a recensão acentua como a hermenêutica da facticidade presente na obra constitui subsídio útil ao esclarecimento da gênese de *Ser e tempo*, obra capital do autor. Pretende-se, igualmente, ressaltar a importância que a tradução tem para as pesquisas de Heidegger em português.

Palavras-chave: Heidegger, ontologia, hermenêutica, fenomenologia, facticidade

Abstract:

This is a review to disseminate the Brazilian translation of Heidegger's lecture *Ontology – Hermeneutics of facticity*. The objective is to present a profile of this book that brings the project to interpretation of what Heidegger calls "factual life." Documenting the course of the summer semester given in 1923, the recension accentuates the the hermeneutics of facticity in this work is useful to clarify the genesis of *Being and Time*, principal work of the author. It is intended also emphasize the importance of translation has to Heidegger's research in Portuguese.

Keywords: Heidegger, ontology, hermeneutics, phenomenology, factuality

Roberto S. Kahlmeyer-Mertens¹

Embora pouco conhecida do público filosófico, *Ontologia – Hermenêutica da facticidade* é um trabalho decisivo à compreensão da primeira fase do pensamento de Heidegger, com especial consideração à culminância que a obra *Ser e tempo* constitui. A relevância desse documento reside no fato de ele facultar a compreensão de múltiplos pontos relacionados àquilo que posteriormente veremos o filósofo nomear de analítica existencial e, de modo mais específico, ao fenômeno no foco desta análise fenomenológica: o *ser-aí*.

Com o título anunciado, temos o texto de uma das primeiras preleções didáticas de Martin Heidegger (a última proferida na *Universidade de Freiburg* em 1923, antes de o filósofo migrar para Marburg). O escrito pode ser considerado um desdobramento de pesquisas em pauta desde 1921 e registro dos resultados provisórios das investigações que desembocariam na sua ontologia existencial. Diga-se, a bem da verdade, que tal registro não pode ser qualificado senão de retroativo, uma vez que, embora documente um período de intensa produção intelectual do filósofo, integra um conjunto de escritos que só vieram a lume em data relativamente recente (a preleção em questão tardou até 1982, quando foi editada no volume 63 das *Obras Reunidas*).

¹ Doutor em filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, autor de *Heidegger & a educação*.
Revista Litteris – ISSN: 19837429 n. 12 - Setembro de 2013 Resenhas

Embora encimada *Ontologia*, é o subtítulo que transmite melhor o conteúdo do trabalho como, não raro, acontece com as obras de Heidegger. Käte Bröcker-Oltmanns, organizadora do volume, noticia que o título seria uma requisição universitária a qual o filósofo precisou cumprir para vincular o curso à programação daquele semestre letivo de verão (Heidegger pretendia o nome “Lógica”, mas, na ocasião, outro professor já o tinha escolhido e anunciado). Ainda que tenha sido uma exigência exógena ao plano de curso do jovem Heidegger, o filósofo aproveitou bem o ensejo oferecendo-nos, logo no §1., uma conceituação do que compreender por ontologia, definindo a situação hermenêutica da ontologia contemporânea: “Somente com a fenomenologia surge um conceito adequado para a investigação ontológica” (p.8). Com esta convicção, o autor entende que o termo ontologia atingirá questionamentos e ganhos compreensivos de conceitos e categorias que tornariam possíveis um olhar sobre o caráter ontológico do fenômeno, a partir daí, se reposiciona: “Em última instância, o título que corresponde melhor ao tema e à maneira de tratá-lo no que segue é o seguinte: *Hermenêutica da facticidade*” (p.9).

Esse novo título, desde os preâmbulos, indica o esforço por delimitar um solo no qual o filosofar tenha lugar sem arrolar a série de concepções sedimentadas em certa ocasionalidade própria à facticidade. Mas de onde partir para a conquista fenomenológica deste solo? Ora, do único ponto com que Heidegger acredita podermos contar: com a matéria de nossa própria vida. Esta, certamente, não uma vida naturalizada ou psicologizada (como propugnavam certas correntes filosóficas em vigor na época), mas a vida fática, que expressa a nossa determinação mais própria em cada situação e que designa significativamente o caráter ontológico de nosso ser-aí.

Além da já dada caracterização da ontologia, Heidegger passa a caracterizar a facticidade como objeto da referida interpretação. Para o filósofo, facticidade denotaria o modo de ser de nosso poder-ser mais próprio, modo que se expressa sempre e a cada vez aí, na ocasionalidade (*Jeweiligkeit*) do mundo. O leitor poderá perceber, desde este ponto, o quanto a ideia de fático é influente na cunhagem e aplicação do termo *ser-aí* (*Dasein*), indicando na essência do humano justamente a ocasionalidade expressa no prefixo *-aí* (*Da-*).

Uma hermenêutica do *aí* precisaria ser apresentada em seus termos e propósitos a partir deste movimento. O que temos, então, na *parte I*, é a introdução ao conceito de hermenêutica por meio da reconstrução de sua compreensão tradicional baseada em sua tão rica quanto obscura história; logo em seguida, sua aplicação pontual sobre a facticidade. Com isso, Heidegger pode agora indicar a que vem uma hermenêutica da facticidade:

A hermenêutica tem como tarefa tornar acessível o ser-aí próprio em cada ocasião em seu caráter ontológico do ser-aí mesmo, de comunicá-lo, tem como tarefa aclarar essa alienação de si mesmo que o ser-aí é atingido. Na hermenêutica configura-se ao ser-aí como uma possibilidade de vir a compreender-se e de ser essa compreensão. (p.21)

A hermenêutica do ser-aí fático (único ser que pode compreender a si mesmo) avança também com a reconstituição da noção de facticidade na tradição teológica e filosófica. É isso que se tem no Capítulo II com os § 4. *O conceito de “homem” na tradição bíblica*; § 5. *O conceito teológico e o conceito de “animal rationale”* e § 6. *A facticidade como ser-aí em sua ocasionalidade. O hoje*. Embora os três parágrafos despertem atenção por seu conteúdo erudito, os dois últimos são dignos de maior destaque, não apenas pelas críticas que

Heidegger volta contra a antropologia filosófica de Scheler, quanto pelas indicações dos estímulos que pensadores como Kierkegaard teriam dado a formulação de tal hermenêutica.

Se importante essa primeira seção de *Ontologia – Hermenêutica da facticidade*, ainda mais decisiva é a *Parte II*, isso porque é nela que Heidegger traça o caminho fenomenológico que tal esforço compreensivo deveria trilhar. Com uma caracterização de fenomenologia, este movimento nos lembra o § 7. de *Ser e tempo*, reservado à conceptualização prévia do método fenomenológico naquela investigação. Na preleção de 1923, entretanto, o filósofo procura contextualizar a fenomenologia em seu pano de fundo histórico, confrontando-a com as questões que ela disputaria com as ciências humanas (em especial a psicologia) e as ciências naturais. De uma espécie de apanhado geral dos principais interlocutores (a filosofia com Dilthey e o neokantismo com Rickert e Windelband), Heidegger chega à fenomenologia de Husserl. Uma apresentação bastante didática da fenomenologia husserliana, além da demarcação das diferenças de sua própria fenomenologia frente a do seu mestre é o que Heidegger nos dá ao longo do § 14.

Os capítulos que se seguem constituem o núcleo da obra ao por em exercício propriamente a interpretação da facticidade. A tematização das noções de indicação formal (*Formale anzeige*) e de posição prévia (*Vorstand*), neste momento, não apenas introduzem subsídios metodológicos para a referida análise hermenêutica, quanto possibilitam o olhar para a cotidianidade que perpassa o tópico seguinte, olhar este que permitirá a compreensão da vida fática cotidiana como marcada pela atitude natural, com isso, depreende-se, também, que mesmo as ocupações possíveis desde a cotidianidade carecem da orientação de um ver fenomenológico que permita uma compreensão do caráter ontológico da facticidade.

Um ensaio para as muitas descrições fenomenológicas da cotidianidade (ressalte-se a habilidade do filósofo nas descrições dos utensílios e do modo cotidiano de ocupação no interior do § 20.) que será ponto de partida para a caracterização do ser-aí em *Ser e tempo*. Este tópico também traz sua contribuição para tornar compreensível a gênese fática das significações, outro tema que se impõe à analítica existencial.

Um retrato, ainda que pálido, como o que esta resenha de divulgação da tradução brasileira pinta, nos permite entrever a importância da edição de *Ontologia – Hermenêutica da facticidade* para o português. Importância que se justifica pela elucidação de pontos centrais da gênese de um dos principais projetos filosóficos heideggerianos.

Com o padrão da *Coleção textos filosóficos*, da editora Vozes, a versão assinada por Renato Kirchner nos oferece um texto fluido e com acertadas opções de tradução, alinhando-se ao que é tendência junto as demais traduções para línguas latinas do mesmo texto (como se pode cotejar na tradução espanhola de Jaime Aspiunza).²

² HEIDEGGER, Martin. *Ontologia – Hermenêutica de la facticidad*. Trad. Jaime Aspiunza. Madrid: Alianza, 2008.

